

CANÇÃO DO EXÍLIO

(Gonçalves Dias)

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen?
Kennst du es wohl? — Dahin, dahin!
Möcht' ich... ziehn!
Goethe

1. Minha terra tem palmeiras,
2. Onde canta o Sabiá;
3. As aves, que aqui gorjeiam,
4. Não gorjeiam como lá.

5. Nosso céu tem mais estrelas,
6. Nossas várzeas têm mais flores,
7. Nossos bosques têm mais vida,
8. Nossa vida mais amores.

9. Em cismar, sozinho, à noite,
10. Mais prazer encontro eu lá;
11. Minha terra tem palmeiras,
12. Onde canta o Sabiá.

13. Minha terra tem primores,
14. Que tais não encontro eu cá;
15. Em cismar — sozinho, à noite —
16. Mais prazer encontro eu lá;
17. Minha terra tem palmeiras,
18. Onde canta o Sabiá.

19. Não permita Deus que eu morra,
20. Sem que eu volte para lá;
21. Sem que desfrute os primores
22. Que não encontro por cá;
23. Sem qu'inda aviste as palmeiras,
24. Onde canta o Sabiá.

Coimbra, julho de 1841.

(Dias, Gonçalves. *Primeiros cantos*. In: *Poesias completas*. SP: Saraiva, 1957.)

Canção do Exílio

(Casemiro de Abreu)

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já;

Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

O país estrangeiro mais belezas
Do que a pátria não tem;
E este mundo não vale um só dos beijos
Tão doces duma mãe!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos
Meu Deus! não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Quero ver esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem cor-de-rosa que passava
Correndo lá do sul!

Quero dormir à sombra dos coqueiros,
As folhas por dossel;
E ver se apanho a borboleta branca,
Que voa no vergel!

Quero sentar-me à beira do riacho
Das tardes ao cair,
E sozinho cismando no crepúsculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
Dum clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras,
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranqüilo
À sombra do meu lar!

¹ "Conheces a região onde florescem os limoeiros?/
Laranjas de ouro ardem no verde-escuro da

folhagem?/ Conheces bem? Lá, lá/ Eu quisera
estar" (Trad. Péricles E. S. Ramos)

As cachoeiras chorarão sentidas
 Porque cedo morri,
 E eu sonho no sepulcro os meus amores
 Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
 Meu Deus! não seja já;
 Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
 Cantar o sabiá!

Migna terra

(Juó Bananere – Alexandre Ribeiro Marcondes Machado)

Migna terra tê parmeras,
 Che ganta ínзима o sabiá.
 As aves che stó aqui,
 Tambê tuttos sabi gorgeá.

A abobora celestia tambê,
 Che tê lá na mia terra,
 Tê moltos milliô di strella
 Che non tê na Ingrattera.

Os rios lá sô maise grandi
 Dus rio di tuttas naçó;
 I os matto si perdi di vista,
 Nu meio da imensidó.

Na migna terra tê parmeras
 Dove ganta a galligna dangola;
 Na minha terra tê o Vap'relli,
 Chi só anda di gartolla.

Canto de regresso à pátria

(Oswald de Andrade)

Minha terra tem palmares
 Onde gorjeia o mar
 Os passarinhos daqui
 Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
 E quase que mais amores
 Minha terra tem mais ouro
 Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
 Eu quero tudo de lá
 Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
 Sem que volte pra São Paulo

Sem que veja a Rua 15
 E o progresso de São Paulo

Canção do exílio

(Murilo Mendes)

Minha terra tem macieiras da Califórnia
 onde cantam gaturamos de Veneza.
 Os poetas da minha terra
 são pretos que vivem em torres de ametista,
 os sargentos do exército são monistas, cubistas,
 os filósofos são polacos vendendo a prestações.
 A gente não pode dormir
 com os oradores e os pernilongos.
 Os sururus em família têm por testemunha a
 Gioconda.
 Eu morro sufocado
 em terra estrangeira.
 Nossas flores são mais bonitas
 nossas frutas mais gostosas
 mas custam cem mil réis a dúzia.
 Ai quem me dera chupar uma carambola de
 verdade
 e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Nova canção do exílio

(Carlos Drummond de Andrade)

Um sabiá
 na palmeira, longe.
 Estas aves cantam
 um outro canto.

O céu cintila
 sobre flores úmidas.
 Vozes na mata,
 e o maior amor.

Só, na noite,
 seria feliz:
 um sabiá,
 na palmeira, longe.

Onde é tudo belo
 e fantástico,
 só, na noite,
 seria feliz.
 (Um sabiá,
 na palmeira, longe.)

Ainda um grito de vida e
 voltar
 para onde é tudo belo
 e fantástico:
 a palmeira, o sabiá,
 o longe.

Sabiá

(Chico Buarque / Tom Jobim)

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá
Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Vou deitar à sombra
De um palmeira
Que já não há
Colher a flor
Que já não dá
E algum amor
Talvez possa espantar
As noites que eu não queira
E anunciar o dia

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Não vai ser em vão
Que fiz tantos planos
De me enganar
Como fiz enganos
De me encontrar
Como fiz estradas
De me perder
Fiz de tudo e nada
De te esquecer

Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
E é pra ficar
Sei que o amor existe
Não sou mais triste
E a nova vida já vai chegar
E a solidão vai se acabar
E a solidão vai se acabar